

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINOFILIA
Fédération Cynologique Internationale



GRUPO 2

Padrão FCI 116 F
30/06/1995



Padrão Oficial da Raça

DOGUE DE BORDEAUX



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINOFILIA

Filiada à Fédération Cynologique Internationale

Classificação F.C.I.:

Grupo 2 - Pinscher e Schnauzer, Molossóides, Boiadeiros e Montanheses

Suíços e raças assemelhadas.

Seção 2 - Molossóides

2.1 - Tipo Mastife

Padrão FCI nº 116 F - 30 de junho de 1995.

País de origem: França

Nome no país de origem: Dogue de Bordeaux

Utilização: Guarda e defesa

Sem prova de trabalho

Sergio Meira Lopes de Castro

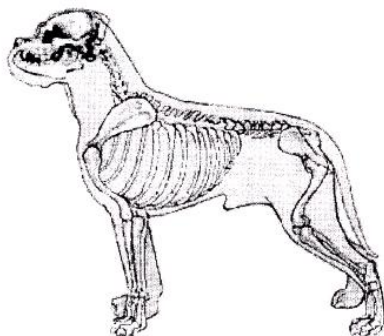
Presidente da CBKC

Domingos Josué Cruz Setta

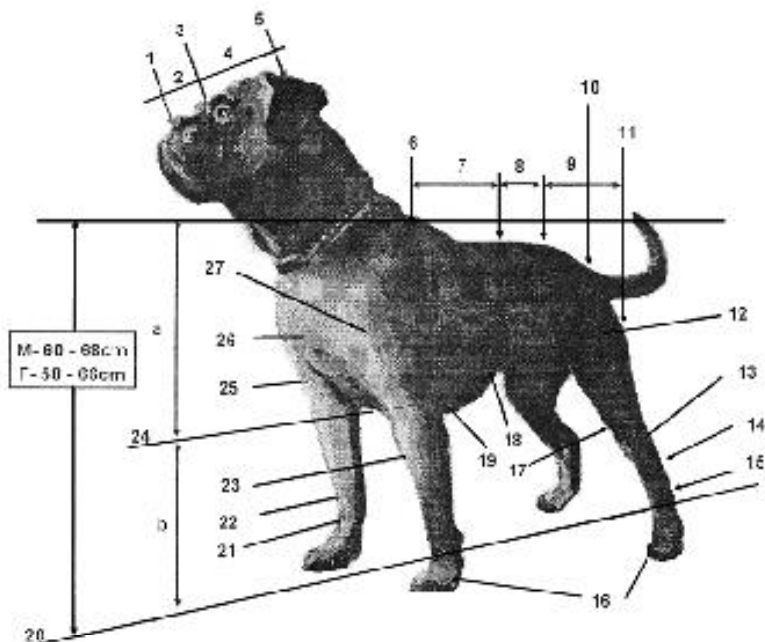
Presidente do Conselho Cinotécnico

Tradução: Bruno Tausz

Revisão: Suzanne Blum



DOGUE DE BORDEAUX



NOMENCLATURA CINÓFILA UTILIZADA NESTE PADRÃO

- | | | |
|------------------------|---------------------|-----------------------|
| 1 – Trufa | 13 – Perna | 25 – Braço |
| 2 – Focinho | 14 – Jarrete | 26 – Ponta do esterno |
| 3 – Stop do ombro | 15 – Metatarso | 27 – Ponta do ombro |
| 4 – Crânio | 16 – Patas | |
| 5 – Occipital | 17 – Joelho | |
| 6 – Cernelha | 18 – Linha inferior | |
| 7 – Dorso do peito | 19 – Cotovelo | a – profundidade |
| 8 – Lombo | 20 – Linha do solo | |
| 9 – Garupa do cotovelo | 21 – Metacarpo | b – altura do |
| 10 – Raiz da cauda | 22 – Carpo | |

11 – Ísquio
12 – Coxa

23 – Antebraço
24 – Nível do esterno

a + b = altura do cão
na cernelha

RESUMO HISTÓRICO: o Dogue de Bordeaux é um dos mais antigos cães franceses, provável descendente dos Alanos e, em particular, do dogue de caça ao javali sobre o qual o Gaston Phébus (ou Fébus) Condee de Foix disse, no século XIV, em seu livro de caça, o seguinte: “ele tem a mordida mais forte que três lebréis juntos”. A palavra “dogue” aparece no fim do século XIV. Em meados do século XIX, não eram reconhecidos em outro lugar além da Aquitania. Foram utilizados na caça de grandes animais (javali), em combates (freqüentemente codificados), na guarda de casas e do gado, a serviço dos açougueiros. Em 1863, aconteceu em Paris a primeira exposição canina francesa. Os Dogues de Bordeaux participaram com seu nome atual. Havia diferentes tipos: tipo de Toulouse, tipo de Paris e o tipo de Bordeaux nas origens do atual Dogue. A raça que sofreu bastante, por ocasião das duas guerras mundiais, a ponto de ter sido ameaçada de extinção após a segunda guerra, de 1939 a 1945, retomou seu desenvolvimento nos anos 60.

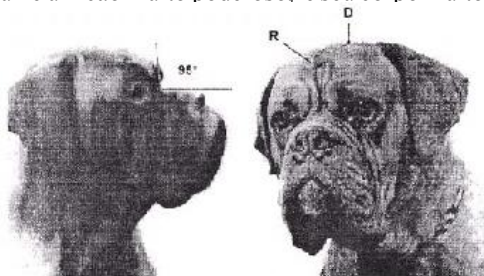
1º padrão (“características dos verdadeiros dogues”), por Pierre Mégnin, *Dogue de Bordeaux*, 1896.

2º padrão, por J. Kunstler, *Estudo crítico do Dogue de Bordeaux*, 1910.

3º padrão, por Raymond Triquet, com a colaboração do Doutor Veterinário Maurice Luquet, 1971.

4º padrão reformulado de acordo com o modelo de Jerusalém (F.C.I.), por Raymond Triquet, com a colaboração de Philippe Séfouil, Presidente, e do Comitê da Sociedade dos Amadores do Dogue de Bordeaux, 1993.

APARÊNCIA GERAL: tipicamente um molossóide braquicefálico concavilíneo. O Dogue de Bordeaux é um cão muito poderoso, e seu corpo muito musculoso conserva um conjunto ha do esterno ao s atarracado tipo



o é, de perfil, a altura
peito. Seu aspecto é

PROPORÇÕES IMPORTANTES: o comprimento do tronco, desde a ponta dos ombros até a ponta do ísquio, é maior que sua altura na cernelha, na proporção de 11/10.

- a profundidade do peito é maior que a metade da altura na cernelha.
- comprimento máximo do focinho é igual a um terço do comprimento da cabeça.
- comprimento mínimo do focinho é igual a um quarto do comprimento da cabeça.
- nos machos o perímetro cefálico é quase igual à altura na cernelha.

COMPORTAMENTO / TEMPERAMENTO: antigo cão de combate, talhado para a guarda, que assume com atenção e grande coragem, sem agressividade. Bom companheiro, é muito apegado ao seu dono e muito afetuoso. Calmo, equilibrado com alta capacidade de reação. O macho geralmente tem um caráter dominante.

CABEÇA: vista pela frente ou por cima, é bem volumosa, angulosa, larga, muito curta, de aspecto trapezoidal. As linhas superiores do crânio e do focinho convergem para a frente.

REGIÃO CRANIANA

- nos machos: o perímetro craniano, tomado no ponto da maior largura, é quase igual à altura na cernelha.
- nas fêmeas: pode ser ligeiramente menor.

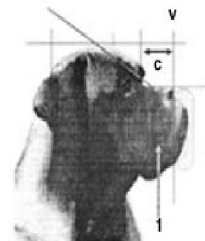
O volume e a forma são as conseqüências do importante desenvolvimento dos ossos temporais, das arcadas suborbitárias, zigomáticas e da largura do segmento caudal da mandíbula. A face dorsal do crânio (D) é ligeiramente arqueada entre as orelhas.

- Stop muito marcado, fazendo, com a cana nasal, um ângulo quase reto (95° a 110°).
- Sulco sagital profundo, atenuando-se para o occipital. O frontal é dominante, portanto, ainda mais largo que alto.
- A cabeça é sulcada de rugas simétricas de cada lado da linha sagital. Essas rugas, profundas e torcidas, movem-se conforme a atitude do cão: em repouso ou em atenção.

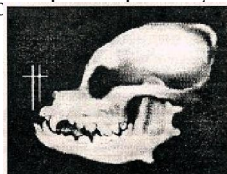
REGIÃO FACIAL

Trufa: grande, de narinas bem abertas, bem pigmentada conforme a cor da máscara. Admite-se a trufa arrebitada, mas não afundada contra o focinho.

Focinho: poderoso, largo, volumoso, mas não empastado sob os olhos; muito curto, linha superior ligeiramente



côncava, com rugas tenuemente marcadas. A largura diminui ligeiramente até a ponta do focinho que, visto de cima, tem o formato geral quadrado. As linhas superiores, do crânio e do focinho, convergem em ângulo bem aberto para cima. Quando a cabeça está na horizontal, a região anterior (1) do focinho, largo na raiz, volumoso e truncado, fica à frente de uma vertical (V), tangente à linha anterior da trufa. O perímetro do focinho aproxima-se dos dois terços do da cabeça. O comprimento (C), entre um quarto e um terço do comprimento total da cabeça, da trufa à protuberância occipital. Os limites (acima do terço do comprimento da cabeça) são admitidos, mas indesejáveis, o ideal do focinho compreendido entre os dois extremos.



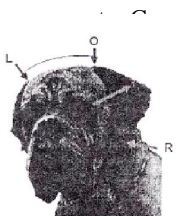
Maxilares: muito poderosos e amplos. O cão é prognata (o prognatismo inferior é uma característica da raça). A face posterior dos incisivos inferiores está à frente e sem contato com a face anterior dos incisivos superiores. A mandíbula curva-se para cima. O queixo é bem marcado e não deve ultrapassar exageradamente o lábio superior, nem ser encoberto por ele.

Dentes: fortes, particularmente, os caninos. Os caninos inferiores são afastados e ligeiramente recurvados. Incisivos bem alinhados, principalmente, os inferiores, que são organizados em linha, aparentemente, reta.

Lábios: os superiores são espessos, moderadamente pendentes e retráteis. Vistos de perfil, apresentam uma linha inferior arredondada. Recobrem lateralmente a mandíbula sobre os lados. Na frente, o bordo do lábio superior permanece em contato com o lábio inferior, em seguida desce de cada lado formando um **V** invertido e aberto.

Bochechas: salientes, em virtude de um desenvolvimento muscular muito forte.

Olhos: ovais, largamente afastados, numa distância entre os cantos mediais, equivalente ao dobro da distância entre os bordos interno e externo de um mesmo olho (abertura palpebral). Olhar franco. A conjuntiva não deve ser castanho ao marrom escuro, para os exemplares com máscara escura, tolera-se, mas não é desejável, uma tonalidade mais clara



Orelhas: relativamente pequenas, de cor um pouco mais escura que a cor da pelagem. O segmento anterior da linha de inserção (O) é um pouco mais alto. Portadas dobradas e caindo com o bordo anterior junto às faces, quando em atenção. A extremidade (R) é ligeiramente arredondada; seu tamanho não pode ultrapassar o olho. De inserção bem alta, de forma que,

vistas de frente, a linha da dobra parece continuar a linha de contorno do crânio (LO), dando a impressão de mais largo.

PESCOÇO: muito forte, musculoso, quase cilíndrico. Garganta com fatura de pele, frouxa e elástica. O perímetro médio é quase igual ao do crânio. O pescoço é separado da cabeça por um sulco transversal, ligeiramente arqueado. É muito largo na base, fundindo-se na inserção com os ombros. A linha superior é ligeiramente arqueada. As barbelas são bem definidas e começam na garganta, fazendo dobras que vão até o antepeito, sem pender exageradamente.

TRONCO

Linha superior: firme, com um dorso amplo e bem musculoso, cernelha bem marcada, lombo largo muito curto e consistente, garupa moderadamente inclinada até a raiz da cauda.

Peito: poderoso, largo, amplo, descendo abaixo dos cotovelos. Antepeito igualmente amplo e poderoso e, visto de frente, a linha inferior entre os membros é convexa. Costelas profundas e bem arredondadas, sem ser em barril. O perímetro torácico é de 25 a 30 cm maior que a altura na cernelha.

Linha inferior: arqueada, do peito profundo ao ventre retraído e firme, nem caída, nem esgaldada.

CAUDA: bem espessa na raiz. A ponta alcançando, de preferência, o nível dos jarretes, sem ultrapassá-los. Portada baixa, sem ser quebrada, ou nodosa, mas flexível. Cauda em repouso, eleva-se em geral de 90° a 120° em relação a esta posição; em movimento, sem curvar-se sobre o dorso ou se enrolar.

MEMBROS

Anteriores: ossatura forte. Membros muito musculosos.

Ombros: poderosos, com relevo muscular evidente. Inclinação média da escápula (em torno de 45° com a horizontal). Angulação escápulo-umeral pouco mais de 90°.

Braços: muito musculosos.

Cotovelos: trabalhando, bem ajustados, não muito rentes ao tórax e corretamente direcionados para a frente.

Antebraços: vistos de frente, retos ou ligeiramente inclinados para aproximarem-se do plano médio, principalmente, nos exemplares cujo peito é muito largo. Vistos de perfil, verticais.

Metacarpos: poderosos. De perfil, ligeiramente inclinados. Vistos de frente, às vezes, ligeiramente voltados para fora, para compensar a ligeira inclinação para dentro do antebraço.

Patas: fortes, compactas, unhas curvas, fortes, almofadas plantares bem desenvolvidas e elásticas; o dogue é digitígrado¹, apesar do seu peso.

Posteriores: membros robustos, bem angulados com ossatura robusta. Vistos por trás, os membros são bem paralelos e verticais, revelando potência, apesar dos posteriores serem menos largos que os anteriores.

Coxas: muito desenvolvidas e grossas, exibindo relevo muscular.

Joelhos: trabalhando num plano vertical, paralelos ao plano médio ou, ligeiramente, voltados para fora.

Pernas: relativamente curtas e musculosas.

Jarretes: curtos, fortes, de angulação moderada.

Patas: um pouco mais longas que as anteriores, dígitos compactos.

MOVIMENTAÇÃO: bastante elástica para um molosso. Na passada, tem movimento amplo e flexível rente ao solo. Boa propulsão dos posteriores, boa amplitude dos anteriores, principalmente, no trote, que é a andadura preferida. Com a aceleração do trote, a cabeça tende a abaixar-se; a linha superior tende a ascender; as patas anteriores tendem a se aproximar do plano médio, indo buscar o solo bem à frente. O galope curto com deslocamento vertical muito importante. Capaz de grande velocidade em desenvolvimento rente ao solo em distâncias curtas.

PELE: espessa e suficientemente solta.

PELAGEM

Pêlo: curto, fino e de textura macia.

¹ Digitígrado – zool. que anda na ponta dos dígitos.

Cor: unicolors, em gamas de fulvos, do acaju ao isabela. Deve-se buscar uma boa pigmentação. Manchas brancas pouco extensas são admitidas no antepeito e nas patas.

MÁSCARA

1) **Máscara Preta:** prolonga-se muito pouco, não devendo invadir a região craniana. Poderá acompanhar ligeiro encarvoamento no crânio, orelhas, pescoço e parte superior do corpo. A trufa será, então, preta.

2) **Máscara Marrom:** anteriormente conhecida como vermelha ou bistre²: a trufa, neste caso, é marrom, bem como a orla das pálpebras.

3) **Sem máscara:** o pêlo é fulvo; a pele parece vermelha (anteriormente conhecida como vermelha). Nesse caso a trufa é avermelhada ou rósea.

TAMANHO: a altura na cernelha deve ser próxima ao perímetro da cabeça.

machos:	60 cm a 68 cm.
fêmeas:	58 cm a 66 cm.

PESO:

machos:	mínimo de 50 quilos.
fêmeas:	mínimo de 45 quilos.

FÊMEAS: com características idênticas, porém, menos pronunciadas.

FALTAS: qualquer desvio dos termos deste padrão deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade.

FALTAS GRAVES

- hiperagressivo, medroso.
- cabeça curta e redonda, com olhos esbugalhados.
- hiperabuldogado (crânio chato, cana nasal medindo menos que um quarto do comprimento total da cabeça).
- torção mandibular importante.
- incisivos visíveis de maneira constante com a boca fechada.
- dorso convexo.

² Bistre: [do francês, Bistre] mistura de fuligem e goma, empregada em pintura.

- cauda com vértebras soldadas, mas não desviadas.
- patas anteriores voltadas para dentro, ainda que levemente.
- patas anteriores exageradamente voltadas para fora.
- coxas planas.
- angulação de jarrete aberta demais (jarrete reto).
- angulação de jarrete muito fechada, cão superangulado nos posteriores.
- jarretes de vaca, jarretes em barril.
- movimentação afetada ou rolagem importante nos posteriores.
- sufocação excessiva, respiração gutural.
- branco na ponta da cauda ou na região anterior dos membros, em cima do carpo ou do tarso.

DESQUALIFICAÇÕES

- cabeça estreita com **stop** pouco acentuado, com a cana nasal medindo mais que um terço do comprimento total da cabeça (falta de tipicidade na cabeça).
- cana nasal paralela à linha superior do crânio ou descendente, cana nasal convexa.
- torção mandibular.
- dogue sem prognatismo inferior.
- caninos constantemente visíveis, com a boca fechada.
- língua constantemente para fora, com a boca fechada.
- cauda com nodosidades e desviada lateralmente ou torta (cauda em saca-rolhas).
- cauda atrofiada.
- antebraço torcido com o metacarpo muito cedido.
- angulação de jarretes muito aberta (tarso desviado para a frente).
- cor branca na cabeça ou sobre o corpo, outra cor de pelagem que o fulvo.
- tara de desajustamento.

NOTAS:

- os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal.
- todo cão que apresentar qualquer sinal de anomalia física ou de comportamento deve ser desqualificado.